

Robôs e ciborgues pensando materialidade e diferença: uma reflexão política sobre Star Wars e Terminator

Vitor França Netto Chiodi – Mestrando do programa de pós graduação em Divulgação científica e cultural (Labjor/ UNICAMP).

Esse texto é um artigo que versará sobre parte da minha pesquisa de dissertação de mestrado. Embora não seja sobre meu principal objeto, que é o singularismo tecnológico, farei uma discussão sobre um arco de conceitos úteis para se debater diferença e materialidade num contexto tecno-científico. As figuras do ciborgue e do robô atravessam a ficção científica e o imaginário popular sobre a organização de debates clássicos que permeiam o natureza x cultura, como humano x máquina, mente x corpo, natural x tecnológico e suas consequentes problematizações. Este artigo não pretende se aprofundar no debates clássicos ou nos potenciais míticos e políticos do robô e do ciborgue separadamente, mas, antes, no que a relação robô-ciborgue pode oferecer para análise fílmica e antropológica.

Há um debate antropológico que perpassa a relação entre natureza e cultura e pode ser, de modo redutivo, ser pensado nos termos moderno x simétrico. Essa mesma organização pode ser levada ao cinema hollywoodiano como naturalismo x neonaturalismo. Cada um desses dois pontos de vistas enxerga a relação entre o humano e tecnológico de modo distinto, e, consequentemente o robô e o ciborgue. Assumindo que os universos diegéticos de Star Wars e Terminator representariam essas visões, o meu propósito será o de apresentar na prática uma maneira pela qual a ficção científica pode iluminar debates antropológicos, mas também o caminho reverso, onde robô e ciborgues se tornam conceitos potenciais para se pensar antropologia.

Em minha dissertação trabalho com o que chamei de três imagens para a relação robô-ciborgue. Essas imagens são construídas a partir de uma reflexão que passa por três marcos teóricos principais: a antropologia simétrica, a teoria feminista e o pós-colonialismo. O que proponho para esse trabalho é a apresentação dessas três imagens que justificam a abordagem conjunta de robô e ciborgue como arco conceitual importante para pensar materialidade e diferença e posterior análise fílmica corrobore seu potencial. As três imagens são outras relações, a saber: a) gênese/ ontologia b) identidade/afinidade e c) escravo/sujeito.

Tendo a análise fílmica de suporte para apresentar cada uma dessas imagens, espero conseguir convencer o leitor do potencial de robô e ciborgue como conceitos, mas também de uma das formas pelas quais o cinema de ficção científica pode ser ferramenta indispensável para reflexão política e teórica. Serão levados em consideração como universos diegéticos de Star Wars os seis primeiros filmes, e no caso de Terminator os dois primeiros. Esse recorte foi feito para que tivessem um escopo autoral que seguissem as figuras de George Lucas e James Cameron.

Materialidade simétrica

Um dos conceitos centrais da minha pesquisa é a noção de materialidade num referencial de antropologia simétrica. A materialidade é compreendida aqui como as complexas relações (Strathern, 2006) que tangenciam aspectos materiais e não-materiais de atores em rede (Latour, 2009). A dualidade material/não-material não deve ser vista como uma divisão das coisas em si, mas como uma forma particularmente proveitosa de olhar para a clássica questão objetividade/subjectividade e natureza/cultura. Na literatura antropológica podemos encontrar essa perspectiva de materialidade em trabalhos clássicos, ainda que lá teorizadas com outros nomes, de outras maneiras. Quando Mauss (2003) tangencia um imaginário socialmente compartilhado e as técnicas do corpo, ou mesmo na relação entre objetos trocados e dádiva. Quando Levi-Strauss (2008) se propõe a estudar a eficácia simbólica a partir de fenômenos psicossomáticos. Quando Evans-Pritchard (2002) estuda a relação entre as estações climáticas e a organização social dos Nuer. Os exemplos possíveis são muitos, mas o importante é notar que não se trata de uma questão nova, mas sim de um outro olhar, da abordagem teórica que encontra respaldo na antropologia simétrica. Dessa forma trata-se de um olhar que pode recuperar e apresentar novas soluções a problemas colocados em obras clássicas.

Olhando ao debate que coloca de um lado a perspectiva moderna - uma fisicalidade objetiva e universal em oposição ao multiculturalismo - e de outro a perspectiva pós-moderna do multinaturalismo abstrato, a ideia é ir além (Latour, 2007). Dos modernos teríamos o material assumido enquanto fisicalidade universal e imutável, da realidade não conceitual pois objetiva, definida portanto no âmbito da possibilidade física. E dos pós-modernos o material que é um conceito, uma percepção sobre o mundo que só existe a posteriori, nas múltiplas experiências pessoais.

Assim, se é possível pensar a antropologia moderna a partir da relação entre sujeito e objeto, e a pós-moderna a partir da relação entre sujeito e sujeito, uma antropologia que propomos denominar pós-social poderia talvez ser pensada segundo uma relação em que todos são sujeitos e objetos simultaneamente (como nos ensinam, aliás, tanto o perspectivismo nietzscheano quanto aquele de vários povos indígenas) (Viveiros de Castro; Goldman, 2006, p. 182).

E é tangenciando essas duas perspectivas que chegamos ao conceito de materialidade descrito. Essa proposta pode ser, considerados os problemas da redução, complementada por uma das ideias centrais de Donna Haraway (1995) em “Saberes Localizados”: tanto a objetividade científica, tipicamente moderna, o “olho de Deus”, quanto a pós-moderna morte do sujeito e da objetividade, o relativismo total, são visões totalizantes. A visão parcial como alternativa se propõe enquanto objetividade possível (e feminista).

Diferença como relação

A diferença pode ser vista e conceituada de múltiplas formas. Dentro dos feminismos trata-se de uma categoria chave para lidar com os problemas da homogeneização. As feministas negras denunciaram que o discurso de igualdade entre as mulheres tinha o potencial de apagar as diferenças entre elas (de idade, classe, raça e sexualidade) (Lorde, 1984). Esse debate aproxima-se da discussão antropológica da alteridade e das tensões entre igualdade e diferença. Qual o objetivo da antropologia? Inferir o que nos torna iguais ou o que nos torna diferentes? Acredito que essas duas formas de organizar as relações são possíveis, mas ambas têm em seu âmago a responsabilidade de uma decisão. A questão talvez seja bem representada pela passagem: “Temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. Temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (Boaventura de Souza Santos, 2003). Dessa forma um conceito de diferença que nos parece caro é aquele entendido como relação social (Brah, 2006).

O conceito de “diferença como relação social” se refere à maneira como a diferença é constituída e organizada em relações sistemáticas através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais. Isso quer dizer que destaca a sistematicidade através das contingências. (...) sublinha a articulação historicamente variável de micro e macro regimes de poder, dentro dos quais modos de diferenciação tais como gênero, classe ou racismo são instituídos em termos de formações estruturadas. (...) A diferença como relação social pode ser entendida **como as trajetórias históricas e contemporâneas das circunstâncias materiais e práticas culturais que produzem as condições** para a construção das identidades de grupo (BRAH, 2006, pag. 362-362, grifo nosso).

Argumentam Brah e Phoenix que a diversidade e debates dentro feminismo são em grande parte responsáveis pelo que viriam a ser as teorias da diferença (Facchini, 2009). E muitas dessas teorias apresentarem um apelo de materialidade. A filósofa Beatriz Preciado (2012) oferece uma delas ao supor que uma noção universal de humano não contempla as multidões *queer* e são destinadas à construção de sujeitos que são homens, brancos, ricos e heterossexuais. Essa passagem demonstra que a diferença como relação social está implicada com a noção de interseccionalidades.

Avtar Brah e Ann Phoenix (2004) definem o conceito de “interseccionalidade” como designando os efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis que se seguem quando múltiplos eixos de diferenciação – econômicos, políticos, culturais, psíquicos, subjetivos e experienciais – se intersectam em contextos históricos específicos (Facchini, 2009, p. 147).

Se, como supomos, corpos e espaços abarcam diferenças materiais e não materiais, como se organizam essas questões? Em que medida é a diferença física que justifica a segregação? E em que medida uma ideia segregatória se apropria das fisicalidades como justificativa? Essas questões são fundamentais para essa pesquisa porque lidam com diferença e materialidade sem estabelecer entre elas um antecedente ontológico. Trata-se portanto de perceber as diferenças para não incorrer no risco de que uma noção pluralista de igualdade as apague. Nesse sentido, há um aspecto comum da abordagem antropológica e da feminista. Olhar para as relações enquanto conexões parciais (Strathern, 2006).

Certainly there are very real differences between us of race, age, and sex. But it is not those differences between us that are separating us. It is rather our refusal to recognize those differences, and to examine the distortions which result from our misnaming them and their effects upon human behavior and expectation (Lorde, 1984, p. 115).

Fica-nos claro que debater as diferenças é necessariamente agenciar como se conectam fatores físicos e discursivos, e portanto, um debate caro ao nosso conceito de materialidade. Se a cor da pele é marca física que aciona as relações de poder no racismo, ou se o racismo aciona fisicalidades para justificar sua perspectiva segregatória, a materialidade está em questão. A materialidade é uma questão política e se configura como um tipo de relação que remonta redes de poder. Que a uma mesma relação entre cor da pele e organização social possa-se produzir políticas inclusivas ou racistas é prova disso.

Robôs e Ciborgues

Pode ter havido um tempo onde robôs e ciborgues fossem figuras que habitassem apenas imaginários de futuro e ficções científicas. Hoje mais do que nunca são figuras que trouxeram a antiga controvérsia do humano x máquina a um debate muito mais concreto. Por essa razão uma relação entre ficção científica e não-ficção sobre o hibridismo entre máquina e humano é uma questão política de nosso tempo de múltiplas formas. Se, como supôs Donna Haraway (2009) em seu manifesto ciborgue, a diferença entre a realidade e a ficção científica é uma ilusão de ótica, é nesse limiar que trabalho. Robô e ciborgue podem oferecer três imagens bastante relevantes para se pensar em materialidade e diferença.

Tenho interesse nesse trabalho em pensar através da relação entre uma perspectiva moderna e uma simétrica. Quando comecei minha pesquisa de mestrado acreditava que poderia associar a figura do robô a uma perspectiva moderna e a do ciborgue a uma simétrica, mas agora sei que há certo equívoco nessa colocação. Tanto robô como ciborgues são figuras pensadas e definidas por ambas as perspectivas, e essas diferenças são fundamentais. No limite ambos reconhecerão que se o robô é a figura vinculada à máquina, à tecnologia, o ciborgue é a fusão multidimensional entre humano e máquina. A minha hipótese inicial não era completamente equivocada. O robô não é uma figura moderna, mas o elogio à separação entre humano e maquínico sim. Analogamente, o ciborgue não é um figura simétrica, mas a descrição que hibridiza humano e maquínico sim. E é justamente porque ambas as figuras são caras às duas perspectivas é que se faz necessário pensar na relação entre elas. Como são figurados robôs e ciborgues por cada uma dessas perspectivas e qual a importância disso? Antes de me dedicar às figuras do robô e do ciborgue, contudo, é necessário compreender melhor o que chamo de moderno, o que chamo de simétrico e qual a relação dessas perspectivas com a tecnologia. Tratarei essas questões com mais cuidado a seguir.

Tecnologia moderna

A ideia de que a tecnologia se opõe ao humano tal como cultura se opõe à natureza não é de todo incomum, seja na teoria social ou na cultura pop. De um humanismo hipponga a saga Star Wars, a aproximação entre humanidade e natureza surge como solução crítica aos perigos da técnica. Quando tratamos de novas tecnologias a questão parece ter se aprofundado. Algumas

teorias contemporâneas assumem essa ideia, entre as quais podemos citar, por exemplo, o livro “Adeus ao corpo” de David Le Breton (2009). O autor propõe uma crítica não só a qualquer romantização das novas tecnologias, mas, com muita ironia, coloca na mesma roda de crítica os transhumanismos.

(...) o corpo é o grão de areia irônico que priva a Inteligência Artificial de um pensamento real. (...) Quais que sejam as qualidades ou os desempenhos da máquina, ela não testemunha a mesma relação com o mundo que o homem. (...) O computador manipula signos, mas não chega à sua significação; não pensa porque não sabe que pensa. Não tem história, nem outro; não nasceu do pecado da carne ou da mácula do corpo, e sim da inteligência humana. Não morre – para, desgasta-se ou quebra. Não é enterrado ou cremado – acaba no ferro velho (Le Breton, 2009, p. 191-192).

Quando Le Breton narra o progressivo abandono do corpo e de sua materialidade orgânica, ecoa um saudosismo a um modelo que, supostamente, esteve em vigor, uma “saudade da natureza” que acabo por caracterizar como moderna. Essa perspectiva me parece bastante afim com a do também francês Virilio. O filósofo oferece alguns parâmetros que justificam que o coloquemos no lugar do discurso moderno e binarista. Para o autor a relação entre humano e tecnologia é claustrofóbica, paulatinamente sufocante. Sua narrativa se oferece enquanto resitência explícita à tendência hibridizadora que acompanham as discussões sobre tecnologia. Isso nos faz perceber que há uma questão ontológica e epistemológica colocada: a hibridização é, longe de ser vista meramente como aspectos das relações, pensada como a responsável pelo rompimento indevido entre o natural e o artificial. A ordem “natural” das coisas estaria na organização que separa natureza e cultura, como descreveu Levi-Strauss ao identificar o fundamento dessa distinção binária: “Estabeleçamos, pois, que tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura apresenta os atributos do relativo e do particular” (Levi-Strauss, 2009, p.22) - embora Levi-Strauss reconheça que a propriedade de ser regular e constante não seja particular a uma dessas duas categorias. No recorte específico que pensa a relação entre humano e tecnológico, para autores como Virilio a humanidade se vincula à natureza porque há “espontaneidade” que se opõe a artificialidade da tecnologia.

Há um conceito repetido algumas vezes por Virilio que esclarece consideravelmente sua perspectiva sobre como humano se funde com a natureza para se opor à tecnologia. O autor usa o termo “poluição” para se referir àqueles recortes nos quais as fronteiras entre o humano e o tecnológico tangenciam. O contato com a tecnologia polui a natureza (que inclui o humano).

Alguma coisa se perde com a tecnologia do tempo mundial e do imediato, e alguma coisa se polue: trata-se da distância. (...) Dessa forma, aquilo que é poluído pelas tecnologias novas não é somente a substância – a água, o ar, a fauna, a flora que se destroem, por

exemplo, através dos detritos industriais – mas também a distância. (Virilio, 1996, p. 134)

Há mais uma passagem sobre esse ponto particularmente ilustrativa:

(...) Da mesma forma que o homem natural foi considerado inútil, suas performances serão consideradas ultrapassadas. (...) Pois o olho nu é sagrado! Assim como o homem nu é sagrado! Se amanhã eu nascesse e, sendo bebê, me colocassem um capacete eletrônico, eu diria para jogá-lo fora (Virilio, 1996, p. 146).

Em resumo, a relação entre humano e tecnologia na perspectiva moderna é de separação, não apenas por que humano e máquina sejam materialmente diferentes, mas porque no esquema de oposição entre natureza e cultura o humano está no espectro do natural e do espontâneo, enquanto o maquínico está no espectro do artificial e do fabricado. Isto é, não apenas se postula que há uma organização binária inerente aos humanos e máquinas, mas, como fica claro com Virilio e Le Breton, o desejo político de manutenção da separação.

Tecnologia simétrica

Laymert Garcia dos Santos (1998) recorre a Simondon para questionar a separação por oposição de técnica e natureza. Técnica, natureza e humanidade se misturam e a separação pode trazer prejuízos. “O apelo de Simondon para que se salve o objeto técnico pode soar estranho aos ambientalistas, cujas prioridades são a natureza e o homem. Mas talvez a salvação da natureza e da humanidade dependam de nossa capacidade de também salvar a técnica e a tecnologia” (Garcia dos Santos, 1998, p.40).

Separar a tecnologia do humano e combatê-la é uma visão de mundo que despreza parte de nossa cultura e enorme parte das sociabilidades que já estão no âmbito do híbrido. E quando me refiro às sociabilidades, penso não só naquelas entre pessoas e outras pessoas, mas necessariamente aquelas operadas entre objetos e as pessoas e também entre objetos e objetos. É nesse sentido que a simetria se torna relevante. A noção de simetria a partir de Bruno Latour (2009) diz respeito a um rompimento com a lógica epistemológica que separa objeto e sujeito. Com efeito, torna-se perfeitamente factível que Latour esteja estudando os cientistas, tornando a prática etnográfica de sua pesquisa um exercício no qual o sujeito por excelência, o cientista, é objeto (Viveiros de Castro; Goldman, 2006).

O objeto técnico, pensado e contruído pelo homem, não se limita apenas a criar uma mediação entre o homem e a natureza; ele é um misto estável do humano e do natural, contém o humano e o natural; ele confere a seu conteúdo humano uma estrutura

semelhante à dos objetos naturais, e permite a inserção no mundo das causas e dos efeitos naturais dessa realidade humana (...) A atividade técnica (...) vincula o homem à natureza (Simondon apud Garcia dos Santos, 1998, p. 43).

Um paradigma tecnológico como o de Simondon julga que os problemas gerados pela tecnologia não são vinculados a sua suposta falta de naturalidade, ou por serem a negação do que seria um verdadeiro humano. Os problemas são os resultados das disputas em torno da tecnologia. A força do capital utilizando as tecnologias para sua ampliação e imposição não mostram um problema tecnológico, mas um problema do capitalismo tecnologicamente mediado (Garcia dos Santos, 1998). É nesse sentido que se torna tão relevante pensar que salvar a técnica é tão importante quanto salvar a natureza. A tecnologia está em disputa, e a perspectiva binária que torna a tecnologia “poluidora” entrega de bandeija a tecnologia para o capital. O capitalismo informacional e as novas tecnologias, embora amplamente vinculados na contemporaneidade, não são a mesma coisa.

Haraway (2009) diz em seu manifesto ciborgue que perguntar o que seria o ciborgue é uma questão radical; Responder a essa pergunta uma questão de sobrevivência. De um ponto de vista simétrico já passou o tempo em que poderíamos tratar a hibridização de humano e maquínico como uma escolha a se tomar no futuro. A contemporaneidade é o tempo de procurar soluções que permitam que as fobias modernas do híbrido não se concretizem.

Primeira imagem: gênese / ontologia

A primeira imagem feita a partir de robô e ciborgue passa pela definição do sejam essas figuras. E o modo como cada uma dessas perspectivas faz essa definição é muito importante porque encaminha uma série de outras relações.

A imagem moderna: gênese

Breve sinopse do universo diegético de Star Wars: São duas trilogias, a primeira que começou no final da década de 70 e descreve a trajetória de Darth Vader, do ápice à derrocada, numa galáxia distante dominada por um governo imperial ditatorial. A segunda descreve como Anakin Skywalker, então Jedi, é consumido pelo desejo de poder e se junta aos Sith, se tornando Darth Vader, ao passo em que a República se torna o Império com o golpe de estado dado pelo mestre Sith Darth Sidious, então líder do Senado. No filme A vingança dos Sith, episódio III de

Star Wars, há uma passagem quase ao fim do filme que é profundamente importante para compreender como na visão moderna robô e ciborgue são definidos a partir da gênese.

Anakin Skywalker, jedi desertor, em luta com seu antigo mestre, Obi-wan Kenobi, acaba tendo alguns de seus membros amputados e por pouco não morre queimado, salvo pelo líder Sith Darth Sidious (Senador Palpatine). A esposa de Anakin, Padmé, está prestes a dar à luz e em situação delicada de saúde. A sequência que segue a esses acontecimentos é, na minha opinião, umas das passagens mais importantes entre os seis filmes para compreender a perspectiva da narrativa criada por George Lucas. Em montagem paralela vemos o nascimento tanto dos filhos de Padmé e Anakin como o de Darth Vader (a forma ciborgue de Anakin). Planos de Padmé em parto normal alternados com cirurgias ao corpo de Anakin que aos poucos vão o transformando em um ciborgue. De um lado, o nascimento dos bebês Luke e Leia, do outro, o nascimento de Darth Vader.

Com essa passagem podemos observar algumas coisas fundamentais. Na ética binária de Star Wars em que há um lado bom e um lado mal, o nascimento do representante maior do mal na série, Darth Vader, está sendo oposto com o nascimento de seus filhos gêmeos – que virão a ser separados e, já sabemos a essa altura, desenvolverão certo romance incestual. Na sequência em montagem paralela descrita podemos observar um parto normal ser comparado com as cirurgias que fizeram de Anakin meio humano, meio máquina. A respiração dos personagens é bastante representativa nesse sentido. De um lado, as longas expirações de uma mulher que passou por um parto normal e está prestes a morrer. De outro, a respiração mecânica operada pela máscara, característica marcante de Darth Vader, que impediu que Anakin morresse. Esses elementos corrobora a oposição natural x artificial, ao passo em que a gênese natural está associado ao lado bom da força e a gênese artificial a um corpo natural ao lado mau. Mais do que isso, o nascimento de Darth Vader em oposição ao nascimento por parto normal levanta a suspeita de que são os métodos artificiais da criação do híbrido que caracterizam o ciborgue. Nesse sentido o híbrido, e o ciborgue, representam o perigo, a ameaça ao estado binário das coisas, o que em grande medida é corroborado pelo fato de que o nascimento do ciborgue é também o nascimento do incesto, representado nos gêmeos recém-nascidos que virão a combater Darth Vader no futuro.

Colocada a questão do nascimento do ciborgue poderemos olhar para os robôs. As figuras maquínicas são centrais em Star Wars, e o fato de Darth Vader representar a quebra da norma, ao

passo que os dróides a reafirmam é importante. Os robôs não são necessariamente bons ou maus, mas são definitivamente máquinas – isto é, diferentes dos humanos, nasceram e continuaram sendo artificiais, fabricados, e, portanto, reafirmadores da ordem binária¹. Considerando aquele robô que vemos sua construção na obra, veremos que sua condição de normalidade é amplamente vinculada à forma como foi criado. Anakin encontrou a carcaça de C3PO no lixo e foi responsável por sua reconstrução. A característica maquínica dos dróides faz com que eles não possam experimentar a morte tal como os humanos. Um robô é necessariamente aquele que foi gerado a partir de processos artificiais. Um humano, tal como Luke e Leia, são gerados por processos naturais. E Darth Vader, o antagonista que ameaça a ordem, tem a origem humana ofuscada pelo fato de que foram os processos artificiais que interromperam a morte de Anakin – natural – com o uso de um corpo maquínico – artificial, tal como é o caso do General Grievous. O que define o que são robôs e ciborgues numa perspectiva moderna é, portanto, sua origem e a história de sua construção. E se a ordem é a separação entre humano e maquínico, o híbrido ciborgue representa o risco e o desafio à ordem.

A imagem simétrica: ontologia

A série Terminator como pensada por seu criador, James Cameron, é composta por dois filmes. No primeiro deles, um ciborgue (T-800) é enviado ao passado de um futuro destóptico onde humanos e máquinas estão em guerra, com o objetivo de eliminar Sarah Connor, mãe daquele que viria a ser o líder da resistência humana, John Connor. Reese, um dos soldados de John Connor, é enviado ao passado pré-apocalíptico para ajudar Sarah, com quem acaba se envolvendo romanticamente e se tornando o pai de John. O segundo filme se passa algum tempo depois, quando Sarah está presa em um manicômio e a Skynet (inteligência artificial por trás das máquinas) envia um ciborgue (T-1000) ainda mais letal ao passado para eliminar John Connor, então adolescente. Dessa vez contudo, o próprio John Connor do futuro manda um ciborgue T-800 para proteger ele mesmo enquanto adolescente.

O primeiro cenário que é apresentado ao público em Terminator é bastante diverso daquele de Star Wars. Informados por acontecimentos do futuro, sabemos que o sobrou da

¹ Chegarei nesse ponto mais tarde, mas vale lembrar que trata-se de uma ordem na qual robôs são necessariamente subordinados aos humanos, seja no lado bom ou no lado mau. O robô que se rebela seria também um atentado à ordem.

humanidade travará uma guerra contra as máquinas da Skynet. Uma vez que somos levados a acompanhar a história da perspectiva dos humanos, fica claro que há uma separação na qual as máquinas representam o mal e um futuro totalitário e apocalíptico. Essa divisão é, contudo, frágil. A leitura da progressão da história nos deixará claro que há certas ambiguidades que fazem com que a origem não seja o fator determinante para a definição de robô e ciborgue.

O ciborgue T-800 explica a um John Connor incrédulo o que seria ele: um organismo cibernético. Ele se define como um organismo porque possui esqueleto maquínico e inteligência artificial, mas forma e órgãos humanos – sangue, pele, olhos, etc. No caso de Terminator a origem maquínica é desimportante porque o que o define como ciborgue é uma materialidade ambígua. Ele se passa por humano pela aparência exterior, mas é movido por inteligência artificial e um esqueleto robótico. Isto é, ser parcialmente orgânico não implica ao ciborgue ter uma origem humana, como no caso de Vader e Griveous. A organicidade não é uma característica humana e não está no âmbito do natural, uma vez que pode ser fabricada tal como o esqueleto maquínico. Dessa perspectiva não há fronteiras claras entre o natural e o artificial. E é justamente essa ambiguidade material que reflete na ordem ética daquele universo: não é a gênese ou identidade que determina os amigos e os inimigos, mas, antes, a política, a negociação. A ambiguidade do ciborgue permite que ele possa ser tanto o inimigo do futuro como a única esperança de sobrevivência no presente. O robô por outro lado é representado pela Skynet e sua *gestalt intelligence*². A Skynet é uma espécie de estrutura por trás do exército de máquinas, que remonta uma política ditatorial e mortífera e ressoa os efeitos do capitalismo informacional de nosso tempo. O ciborgue do segundo filme (T-1000) é uma versão mais evoluída do T-800 porque é construído com metal líquido e não pode ser fisicamente destruído com explosões como sua versão antiga. A ordem conceitual não está ameaçada pelo hibridismo. O hibridismo é na verdade o elemento que permite que a ordem seja negociada e não pré-determinada por uma identidade robótica ou humana. Em outros termos, o perigo não é um robô ou um ciborgue, mas um robô ou ciborgue controlado pela Skynet. O que oferece risco, no fim, é manter a separação identitária entre máquinas e humanos, porque os humanos não têm condições físicas de competir com as máquinas e as máquinas não conseguirão mudar o passado sem uma forma humana e orgânica que se passe por humano. Não por acaso, John Connor, líder dos humanos no futuro, é

² A noção de *gestalt intelligence* diz respeito a uma espécie de consciência coletiva presente em todas as máquinas controladas pela Skynet. Em outros termos, a Skynet é a consequência de um capitalismo informacional que saiu do controle.

um especialista em programação e manipulação robótica. Por fim, o que define robô e ciborgue de uma perspectiva simétrica é o rompimento ontológico onde a divisão entre natural e artificial não faz mais sentido, porque em termos materiais organismos e máquinas podem ser igualmente fabricados. A oposição entre humano e maquínico representa uma disputa política em que ambos os lados precisam do híbrido para sobreviver. O risco é, portanto, a manutenção das binariedades.

Segunda imagem: identidade/ afinidade

Híbrido e afinidade

Na última sessão disse que humano e maquínico representam uma disputa política em que ambos os lados precisam do híbrido, ou pelo menos da ambiguidade entre os termos. Nesse sentido a personagem de Sarah Connor leva o espectador a construir essa conclusão. Há duas sequências que demonstram com clareza esse ponto.

Ao final do primeiro filme há uma sequência que exhibe uma fuga desesperada de Sarah e Reese do ciborgue T-800, que não mede esforços para matá-los. A fuga acaba encaminhando ambos para uma indústria onde há várias máquinas desligadas. Reese, muito ferido, ao entrar no galpão, liga as máquinas e informa Sarah que faz isso para que o ciborgue não os rastreie. Em luta corporal com o ciborgue Reese usa um explosivo para derrotá-lo e acaba morrendo com a explosão. O ciborgue contudo continua ativo, embora sem as pernas e já nada aparente de seu corpo orgânico. Sarah Connor, agora perseguida por um ciborgue que se arrasta, o atrai para uma compactadora e então, já sendo enforcada pelo ciborgue, consegue alcançar o botão que liga a máquina e comprime o ciborgue, destruindo-o por completo. Sendo esse o desfecho do conflito colocado pelo primeiro filme poderemos concluir que seu diretor teve a intenção de introduzir a ideia de que os humanos podem e talvez tenham que usar outras máquinas para combater a Skynet. Isso se dá tanto no insight de Reese de usar as máquinas para confundir o ciborgue como no de Sarah, que sabe que a compactadora terá uma força que ela jamais poderia ter. E é exatamente o que vemos desenvolvido no segundo filme.

Sarah Connor está em um manicômio e John Connor chega com um ciborgue T-800 (eviado pelo John do futuro) para garantir sua fuga em curso, o que a princípio a desespera, em

razão dos acontecimentos do primeiro filme. Durante o filme ela tem muita dificuldade de confiar no ciborgue, mesmo sabendo que ele pode ser a única chance de ela e o filho – e por consequência a resistência humana do futuro – sobreviverem. O ciborgue T-800 assume uma espécie de figura paterna que John nunca teve e Sarah percebe isso. Em cenário semelhante aquele do desfecho do primeiro filme, John, Sarah e o ciborgue T-800 fogem do ciborgue T-1000 dentro de uma fábrica de aço. O ciborgue T-800 arrisca sua própria destruição a todo custo para proteger Sarah e John e quase é derrotado. Usando uma arma de fogo Sarah tenta empurrar o T-1000 à uma piscina de aço fundido, o que o destruiria, mas sem sucesso. Com o mesmo método, T-800, quase destruído, tem sucesso. Os personagens sabem que terão de destruir todos os chips capazes de criar novos ciborgues Terminators, o que garantiria que as máquinas nunca chegassem a assumir o controle sobre o planeta. John lança o chip que roubaram ao aço fundido. A partir daqui os planos ficam cadenciados e fechados em claro contraste com a sequência de ação que os precederam. Em eixo vemos T-800 conversar com Sarah e avisar que existe mais um chip a ser destruído, e, em close, aponta para a própria cabeça. Segue a tentativa de John de impedir que T-800 seja destruído e, em seguida, um abraço de John ao ciborgue, com o plano fechado mostrando seu rosto em lágrimas. Segue um plano detalhe do controle do elevador que dá acesso ao aço fundido, entregue pelas mãos de T-800 às mãos de Sarah. Um plano mais aberto nos mostra os três personagens, John abraçado ao ciborgue e Sarah com o controle na mão. O plano mais significativo é o seguinte: em detalhe, Sarah estende sua mão ferida e ensanguentada, e o ciborgue responde apertando sua mão. Nos planos seguintes ele é levado ao aço fundido, mas antes de ser destruído reproduz com a mão o sinal com o polegar levantado que John o ensinou anteriormente no filme.

O plano que sela a paz entre Sarah e Ciborgue chega a ser bastante expositivo, mas não deixa dúvidas de que é, a um só tempo, uma lição aprendida por Sarah e pelo público – que se habituou a ver a história a partir da perspectiva da protagonista. Da desconfiança e do combate ao híbrido, Sarah passa a compreender sua necessidade. O desfecho de ambos os filmes deixam escancarada a ideia de negociação política do híbrido, mas também a perspectiva simétrica sobre tecnologia que diz que seu uso será fundamental para combater os potenciais perigos que ela venha a representar. O que não torna a guerra entre humanos e máquinas inexistente ou não-real, mas modifica o status político do híbrido.

Binariedade e Identidade

No universo diegético de Star Wars os binários marcam a organização política, mas também o as identidades que se opõem. No caminho à força, os humanos que conseguem alcançá-la serão influenciados pelo lado bom ou pelo lado mau da força. Anakin é, enquanto Jedi, treinado para que acesse a força apenas pelo lado bom, mas o lado mau se revela uma tentação constante. Não é preciso aprofundar na filosofia Jedi para enxergar algo de paralelo com o cristianismo. A tentação pelo lado negro poderá ser pensada como a tentação do pecado sem muito esforço. Fato é que a tentação do lado mau constrói o caminho progressivo no qual Anakin se torna Darth Vader³. O surgimento de Vader marca definitivamente a vitória do lado negro da força para o antigo Jedi. Em cada uma das trilogias, a mão mecânica que recebem Anakin e seu filho Luke representam a chegada da influência do lado negro. É como um primeiro passo. Se a vida não depende das partes maquinicas, então a mão mecânica representa não a fusão, mas a influência da força do lado negro. Se equiparamos esse fato à relação já feita entre tecnologia e a perspectiva moderna em Star Wars chegaremos a conclusão já citada de que o híbrido representa os riscos da mistura entre orgânico e maquinico, e a tentação do mal sobre o bem. Se o ciborgue T-800 é de origem maquinica e tem a organicidade fabricada, aqui a organicidade é do espectro do natural e sua fusão com o corpo maquinico uma usurpação da natureza. Para usar os termos de Virilio, a maquinicidade polui Anakin em definitivo. Nesse sentido, só há duas formas limpas e que conformam uma ética binária: o humano que nasce orgânico e aceita sua condição de vida e mortes naturais; e o robô pacificado, que aceita sua condição de inferioridade e devoção aos humanos, completamente artificial. É por isso que estão colocados lado a lado o parto normal de Padmé e a fabricação de Darth Vader: porque são operações opostas. Nos termos de Levi-Strauss (2009), o parto normal é da ordem do espontâneo, enquanto um homem fabricado ciborgue da ordem do particular.

Darth Vader/ Anakin representam a negociação entre os dois lados da força, troca que acontece mais de uma vez nos filmes. Tanto Anakin como Darth Vader experimentaram o uso dos dois lados da força. Esse status de negociação da própria condição é inaceitável na ética Jedi. Pois a ética Jedi condena o uso do lado negro da força e reafirma a identidade Jedi a partir dessa

³ A outro paralelo muito parecido no universo de Star Wars. O General Grievous também é um ciborgue por uma trajetória semelhante a de Anakin: humano que na iminência da morte recebeu um corpo maquinico para sobreviver.

oposição. Os Sith representam a identidade oposta, do mal. Anakin/ Darth Vader experimentou acessar a força como Sith e como Jedi, e essa ambiguidade o faz o antagonista maior do enredo.

Como espero ter ficado claro, a segunda imagem advém da primeira. Identidade e afinidade são estratégias políticas para se lidar com a diferença respectivamente moderna e simétrica. Retiro esses conceitos da discussão feita por Haraway (2009) em seu manifesto ciborgue. Quando o ciborgue harawayniano desmantela a fronteira entre humano e animal, por exemplo, ele consegue operar na luta política contra o especismo de um modo que uma política identitária que separe humanos e animais de modo definitivo não conseguiria. Por vias da afinidade as questões animais podem se tornar questões humanas por excelência. Tal como questões tecnológicas podem se tornar humanas e vice-versa. É possível evocar a figura do robô para demarcar a diferença do humano, como faria uma perspectiva moderna, tal como na luta social a demarcação de identidades pode marcar os atores políticos e definir estratégias de combate à opressão da diferença. Um bom exemplo de uma luta marcada pelo aspecto identitário é aquela contra o racismo. Frequentemente o negro é uma categoria identitária que só faz sentido pela oposição ao branco, onde o negro corresponde àquele que não é branco. Por outro lado, robô e ciborgue podem ser vistos como figuras em processo de hibridização, como quase humano no caso do primeiro, ou como quase máquina no segundo, ou ainda como híbrido de máquina e humano. Os ciborgues de Terminator flutuam nessa ambiguidade. Exemplo de ator que pode não ser contemplado na luta por identidade são algumas travestis que não pretendem se pautar como homem ou mulher na luta, porque recusam ambas as categorias. Enquanto ator elas podem aderir como estratégia de luta a afinidade, que reconhece sua ambiguidade como sujeito político possível. Tal como o ciborgue – mito político que Haraway (2009) explicou com sobras. A existência do ciborgue pode coexistir com a luta de diferentes travestis que optam pela política identitária. Tal como no âmbito da saúde assumir uma identidade patológica da transsexualidade pode representar a única forma de acesso à saúde pública. Há uma controvérsia colocada. Identidade e afinidade podem ser evocadas em conjunto e separadamente em diferentes contextos e o uso de cada uma delas gera problemas específicos. Dessa forma, robô e ciborgues podem ser ferramentas para se pensar na diferença de modo alegórico. Não temos entre modernos e simétricos uma oposição binária, mas uma relação de conexões parciais, onde cada uma das duas visões carrega conceitos e uma definição particular de robô e ciborgue. Quando trazemos essas figuras como conceitos para a realidade política a discussão ganha outra dimensão.

Quando importa diferenciar robôs e ciborgues como identidades opostas? Quando importa não diferenciá-los? Por difíceis que possam ser essas respostas, poderemos enxergar através dos robôs e ciborgues da ficção que por vezes a separação é necessária e por outras a hibridização é a única alternativa.

Terceira imagem: escravo e sujeito

A terceira imagem vê a questão por outro ângulo. Se nos voltamos à cultura popular somos capazes de buscar a imagem de vários robôs. Recuperando a origem da palavra chegaremos a uma antiga palavra tcheca que significa “trabalho compulsório” (Asimov, 2014). Frequentemente os robôs estão mesmo no lugar de escravo. Rosie, a empregada doméstica dos Jetsons; C3P0 e R2D2 de Star Wars; Robbie, o robô-babá de Eu, robô; Tars e Case em Interstellar; Wall-e e muitos outros exemplos citáveis no cinema hollywoodiano remontam a figura do escravo. Importante notar que não se trata apenas de um escravo qualquer, mais um escravo utópico, o trabalhador ideal, o subalterno que não questiona, não se cansa, não exige nada, é profundamente inteligente, e o melhor de tudo, não morre. O robô é ideal porque é a figura utópica que realiza o que humanos realizariam sem ser um sujeito que importe para falar. Quando olhamos aos ciborgues da ficção, por outro lado, o que vemos são seres com status de sujeito. Darth Vader, T-800, General Griveous, Robocop, Dredd, Dr. Octopus estão em um conflito de identidade – característica humana só enderçável àqueles que são sujeitos.

As implicações da terceira imagem para robô e ciborgue como metáfora exigem estudos mais cuidadosos que não posso oferecer aqui. Fica claro, contudo, que para além da relação entre moderno e simétrico, robôs e ciborgues podem ser categorias fundamentais para refletir sobre a relação entre escravo e sujeito, trabalhadores e patrões, cidadãos e governantes, mulher e homem e muitas outras analogias possíveis – na teoria e na ficção.

Conclusões e representações gráficas das relações

Observando a relação que estabelecemos entre moderno e simétrico, teríamos um quadro de conceitos semelhante à tabela que segue:

MODERNO	SIMÉTRICO
Identidade	Afinidade
Gênese	Ontologia
Naturalismo	Neonaturalismo
Tecnofobia	Tecnologia negociada
Binário	híbrido

A vantagem dessa representação gráfica é que poderemos olhar para ela e pensar tanto em robô e ciborgues como em suas potenciais metáforas. Enquadrar Star Wars e Terminator em cada uma dessas perspectivas é um exercício teórico que deve ser levado em conto como tal. Não me parece absurdo que possa haver uma interpretação moderna de Terminator ou uma simétrica de Star Wars. Contudo, interpretando os filmes nos termos que fiz direciona para uma reflexão específica. Como explicado anteriormente, esse é um quadro de relações e não de oposições. Embora cada conceito chame uma abordagem diferente, não há nada entre eles que os façam opostos ou incompatíveis, mas há recortes importantes que justificam a separação.

Referências bibliográficas

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 2. ed., 2002 [1940]

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. In: Bagoas. n. 04, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art07_facchini.pdf

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Tecnologia, natureza e a “redescoberta” do Brasil. Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo, Estação Liberdade, 1998

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. In: Antropologia do ciborgue, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo. In: cadernos pagu 5, 1995.

LATOURETTE, Bruno. The recall of modernity. Culture studies review. VOLUME13 NUMBER1 MAR 2007. Disponível em: < <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/91-RECALL-MODERNITY-GB.pdf> >.

_____. Jamais fomos modernos. Editora 34, Rio de Janeiro, 2009.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. São Paulo, Papirus, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: Antropologia Estrutural, São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LEVI-STRAUSS, Claud. Natureza e Cultura. In: Revista Antropos – Volume 3, Ano 2, Dezembro de 2009

LORDE, Audre. “Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference,” in Sister Outsider: Essays and Speeches - Freedom, CA: Crossing Press, 1984.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Cosac Naify, São Paulo, 2003.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contra-sexual. Madri, Opera Prima, 2002.

STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva. Editora Unicamp, 2006.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; GOLDMAN, Márcio. Entrevista com Márcio Goldman e Eduardo Viveiros de Castro. Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

Filmografia citada

Star Wars Episódio III – A vingança dos Sith – Direção: George Lucas Ano: 2005

O exterminador do Futuro (Terminator) – Direção: James Cameron Ano: 1984

O exterminador do Futuro 2: O dia do julgamento – Direção: James Cameron Ano: 1991